



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A MORDIDA NA CRECHE: QUAIS OS SIGNIFICADOS DESSA EXPRESSÃO INFANTIL?

Ivanilda da Silva Santana Nóbrega

(Universidade Federal de Pernambuco - ivanildasantana07@gmail.com)

Sandra Patrícia Ataíde Ferreira²

(Universidade Federal de Pernambuco – tandaa@terra.com.br)

RESUMO

A presente pesquisa teve como finalidade analisar as situações de interação em sala de aula, em uma turma de berçário e outra de grupo I (com crianças de 0 a 23 meses de idade), pertencentes a uma creche da rede municipal do Recife em que a mordida aparece como manifestação. Isto, tendo como um dos focos principais os processos de significação que essas manifestações podem adquirir na interpretação e intervenção dos adultos, com apoio na perspectiva teórica da Rede de Significações. Para tal, foi realizado um estudo de cunho etnográfico através da realização de entrevistas (20) com profissionais da educação e pais, bem como, de (5) observações e videogravação em sala de aula. Os resultados indicam que a maneira como estes profissionais e pais significam e intervêm sobre o fenômeno da mordida está relacionada com o contexto sociocultural ao qual estão inseridos e aos discursos sociais que mais lhes são apresentados.

Palavras-chave: Mordida, Educação Infantil, Rede de Significações.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui relatada toma forma a partir das experiências profissionais da primeira autora, como auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) e das discussões vivenciadas no meio acadêmico, enquanto aluna universitária de Pedagogia, que despertaram seu interesse para o problema de pesquisa sobre as manifestações de expressividades, na Educação Infantil, apresentadas através das mordidas.

²Orientadora Prof^a Dr^a da Universidade Federal de Pernambuco
tandaa@terra.com.br



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

No cotidiano com as crianças, observando a atuação das professoras e auxiliares de desenvolvimento infantil e ouvindo relatos informais dos pais/cuidadores, foi possível perceber que a mordida na Educação Infantil quase sempre é relatada como um ato de pura agressividade ou indisciplina, em que são apontados um ou mais culpados, mesmo quando isso se refere a crianças da faixa etária de 0 a 3 anos de idade.

Contraditoriamente, a partir do diálogo com diferentes teóricos contemporâneos, mais especificamente com os autores que tratam da noção de infância e das manifestações de agressividade infantil, e na interação com os objetivos dessa investigação, percebeu-se que algumas pesquisas trazem a agressividade e o desenvolvimento infantil com outras perspectivas. É o caso da Psicanálise, quando seu autor principal, Sigmund Freud, fala das fases do desenvolvimento infantil e traz o conceito de agressividade como algo constitutivo do eu e necessário ao próprio desenvolvimento. E da Teoria Sócio-interacionista defendida por Levy Vygotsky, que afirma que o desenvolvimento psicológico não pode ser visto como um processo abstrato, descontextualizado ou universal.

Além dessas teorias, buscou-se outras até chegar à Teoria da Rede de Significações (RedSig), que tem Wallon como um dos contribuintes, e que foi assumida como norte nessa pesquisa. Nessa perspectiva, as atitudes do bebê são (re)significadas conforme preceitos do grupo/instituição escolar e dos familiares a que ele pertencer (AMORIM; SAULLO; ROSSETTI-FERREIRA, 2013; ANJOS et al., 2004).

Segundo Wallon (apud Rossetti-Ferreira, et al., 2004, p. 24), as atitudes do bebê tomam forma por meio da interação com o outro e do movimento deste, principalmente, quando esse outro completa e interpreta o bebê para o mundo e o mundo para ele. Esse outro, geralmente, é a mãe ou o pai, embora outras pessoas possam assumir ou compartilhar esse lugar (avós, tios, irmãos, educadoras de creche e pré-escolas etc.). Wallon é um dos precursores das pesquisas referentes ao desenvolvimento humano, trabalha com a emoção, que é uma importante ferramenta para a compreensão do desenvolvimento infantil, e sempre destacou a influência do meio social no



desenvolvimento humano, o que dialoga com a RedSig e, por isso, é citado nesta pesquisa.

Na tentativa de averiguar se já existiam trabalhos desenvolvidos sobre o tema mordidas na creche e quais perspectivas em que se fundamentavam, foram feitas buscas nos principais portais de pesquisas, como Google acadêmico, Scielo, Capes, bem como na Revista de TCC da UFPE, levando em consideração o período de tempo entre 2002 e 2014. Utilizou-se das seguintes palavras-chave: agressividade e agressividade infantil, Educação Infantil, Interação Social entre bebês e a Rede de Significações. Vários trabalhos foram encontrados, mas a maioria trazia conceitos e definições baseados nas Teorias de Freud, de Vygotsky e de Lacan.

Diante da lacuna em termos de trabalhos empíricos com o referencial escolhido, esta pesquisa procura responder às seguintes perguntas: Em que situações de interação em sala de aula, as crianças de berçário e grupo I se utilizam da mordida? De que maneira as professoras significam e atuam nestas situações? Como os pais significam essas situações? Tem-se, então, como **objetivo geral**: analisar as situações em sala de aula, de crianças de 0 a 23 meses de idade, em que a mordida aparece como manifestação. E como **objetivos específicos**: (i) identificar as situações em que as crianças se utilizam da mordida nas interações em sala de aula; (ii) analisar como as professoras, estagiárias e os auxiliares de desenvolvimento infantil atuam e significam essas situações; (iii) analisar como os pais significam essas situações de expressão de mordida pela criança, em sala de aula.

Com a realização desta pesquisa, pretendeu-se trazer contribuições para o trabalho de profissionais da educação infantil e de pesquisadores interessados nas situações de interação, na creche, em que a mordida se manifesta. Isto no sentido de provocar reflexões que favoreçam intervenções adequadas.

2. METODOLOGIA



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O local escolhido para a realização desta pesquisa foi uma Creche Municipal da Prefeitura da Cidade do Recife que atende aproximadamente 100 crianças e possui: 5 salas, secretaria, refeitório, cozinha central, lactário, parque externo, entre outras dependências. Entretanto, a pesquisa desenvolveu-se com o foco em duas turmas: uma de Berçário com crianças de zero a doze meses, tendo um total de quinze crianças matriculadas; e outra turma de Grupo I com um total de vinte crianças com idade entre treze e vinte e três meses e seus respectivos pais/cuidadores. São crianças que a princípio não têm a linguagem oral desenvolvida, mas que estabelecem ricas e variadas relações com seus pares, demonstrando manifestações afetivas e emocionais de diferentes maneiras. Contudo, foi necessário que os pais e profissionais da creche autorizassem, por escrito, a realização desta pesquisa.

Desse modo, para a realização desta pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa de cunho etnográfico. Qualitativa, pois segundo Watson (1985, apud Gonzaga, 2003, p.70), esta possibilita uma caracterização com descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos que são observáveis. Além de incorporar o que os participantes dizem, suas experiências, atitudes, crenças, pensamentos e reflexões e possibilitar o uso de várias técnicas, como, por exemplos, as que foram utilizadas nesta pesquisa: a observação com o registro em um diário de campo, a videogravação e a entrevista.

A entrevista foi semiestruturada e teve como objetivo analisar a maneira como os entrevistados interpretam as situações onde a mordida aparece como manifestação. Foram realizadas entrevistas com **10** participantes do berçário e com **10** do grupo I, perfazendo um total de **20** entrevistas, sendo **10** com mães/cuidadoras (os pais não desejaram participar das entrevistas) - duas têm o nível médio concluído, as demais não terminaram o ensino fundamental e a maioria está desempregada; **5** com estagiárias - que cursam a EJA; **3** com auxiliares de desenvolvimento infantil (ADI's) - que têm o ensino superior concluído ou em andamento e **2** com professoras - com nível superior e especialização. Os participantes foram escolhidos por estarem mais presentes no dia a dia da creche, acompanhando de perto o desenvolvimento das crianças e/ou por já terem



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

passado/presenciado a mordida como manifestação. Todos, por uma questão ética e de preservação de imagem, receberam nomes fictícios, optando-se pelo uso de nomes mais comuns como Maria, Ana etc.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados foi organizada privilegiando-se dois temas: (i) sentido e significados de pais e profissionais da educação infantil sobre a mordida e (ii) reflexão acerca das intervenções dos adultos no comportamento de morder da criança, como discutidos a seguir.

Sentido e Significados de Pais e Profissionais da Educação Infantil Sobre a Mordida

As significações atribuídas à mordida ganharam interpretações diversas entre os entrevistados porque, como dizem Rossetti-Ferreira et al. (2004), essas significações são compostas por elementos da ordem pessoal, relacional e contextual e também porque receberam influências das várias interações que ocorreram entre os diversos sujeitos com quem convivem, não só entre eles, mas também entre eles e os contextos que os cercavam.

Destarte, analisando a fala dos entrevistados, percebeu-se que a mordida aparece com múltiplos sentidos e significados, uma vez que cada pessoa atribui sentidos próprios e diversos a cada situação. Assim, para 04 das entrevistadas (sendo 2 estagiárias e 2 mães), a mordida ocorre motivada pelo próprio desenvolvimento biológico, como é o caso do surgimento dos dentes que provoca coceira e irritação nos bebês. Exemplo disto está nas duas falas descritas a seguir, quando lhes perguntado por que as crianças mordem, as estagiárias respondem:

Paula: - *É a gengiva coçando. Por causa dos dentes nascendo.*

(estagiária do grupo I)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Maria: - *Eles mordem só por morder mesmo, coceira nos dentes.*

(estagiária do berçário)

Em contrapartida às opiniões apresentadas anteriormente, estão as falas de outras 10 entrevistadas (8 mães e 2 estagiárias) que dizem que as mordidas ocorrem, em sua maioria, nos momentos de interação entre as crianças e, às vezes, entre as crianças e os adultos, mas precisamente em momentos de disputas de atenção, disputas por espaço, objetos etc. Como exemplo dessas significações está a fala de uma mãe, quando lhe perguntado porque as crianças mordem, ela responde:

Ana: - *Tem umas que mordem por disputa de brinquedo. E outras que mordem durante a brincadeira porque a outra criança faz alguma coisa que ela não gosta, aí ela vai lá e morde.*

(mãe de uma criança de 11 meses)

Para esta mãe, a mordida ganha a significação que lhe é apresentada pelos funcionários da creche quando estes explicam como e porque a mordida ocorreu. Isso também fica evidente nesta outra resposta:

Marta: - *As professoras dizem que ela morde quando ela quer o brinquedo de alguém, aí quando a outra criança não dá, ela morde. A minha filha não morde por nada, só quando tem um motivo.*

(mãe de uma criança de 23 meses)

Outros 05 (professoras e ADI's) entrevistados interpretam a mordida como uma necessidade que a criança tem em “dizer” algo, como um sentimento que não pode ser expresso através da fala, por exemplo, ou ainda, como momentos em que emoções de raiva e ciúme ou estados de ânimo como de irritação ou incômodo prevalecem. As respostas apresentadas a seguir representam esses pensamentos:¹

Betânia: - *(a mordida) é uma forma de expressar o sentimento de que ela não está satisfeita.*

Uma das estagiárias não respondeu a questão sobre o significado da mordida.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

(professora)

Paulo: - *acredito que seja para chamar a atenção e/ou conseguir satisfazer sua vontade. No caso dos menores, é uma forma, assim como o choro, de expressar e conhecer o mundo também.*

(auxiliar de desenvolvimento infantil)

Wallon (1995) diz que é através da emoção que o bebê mobiliza os outros para que eles atendam às suas necessidades e que, a emoção é considerada o primeiro elo do corpo com o meio. Desse modo, antes mesmo de começar a falar, o bebê já se utiliza das expressões que dispõe para comunicar seus desejos e vontades. A Rede de Significações traz a ideia de que nem todo sentido de mundo se reduz apenas à sua forma linguística, assim, as atitudes das crianças relatadas pelos entrevistados acima, ganharam sentidos e significados através das emoções que seus corpos expressavam. E, através delas elas comunicavam o que lhes afetavam.

Em se tratando de comunicação, observa-se que o comportamento dos bebês altera-se ou acentua-se à medida que sofre interferências do meio, do contexto ou dos parceiros de interação. Isto pode ser observado no trecho de um dos relatos de observação descrito abaixo:

***Pedro** (de 22 meses) aproxima-se de **Sara** (de 21 meses) no intuito de tomar-lhe o brinquedo. **Sara** tenta proteger o objeto gritando e afastando-o do alcance de **Pedro**. Este esboça mais uma reação, dessa vez mais intensa, abrindo a boca para morder a colega, na tentativa de alcançar o feito, mas, antes que ele complete a ação é interrompido pelo grito de uma estagiária que observava de longe e diz: “- NÃO, **Pedro**. Não é pra morder!”. Então, **Pedro** se afasta de **Sara** e desiste do seu objetivo.*

Esta cena demonstra como a comunicação que se efetua entre as crianças e entre as crianças e os adultos, atua e modifica o comportamento/gesto de ambos, e de como as situações vividas têm seu papel nesses comportamentos. Isto porque, como se difunde nesse trabalho, é na relação com o *outro* social que o bebê vai construindo seu



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

desenvolvimento e é nestas relações que as suas atitudes tomam forma e significado. (ROSSETTI-FERREIA, et al., 2004). Essas significações também partem dos adultos na medida em que estes condicionam de alguma maneira com gestos, olhares, etc. as atitudes e desenvolvimento dos bebês.

No entanto, no ambiente educacional, a maneira como o professor/educador, o meio e os colegas afetam as ações e emoções das crianças pode tanto ajudar no desenvolvimento como na inibição das suas aprendizagens. O que nos leva a refletir acerca dessas intervenções.

Reflexões Acerca das Intervenções dos Adultos no Comportamento de Morder da Criança

De acordo com a perspectiva teórico metodológica da Rede de Significações, os diversos parceiros que estabelecem interações com o indivíduo assumem-se reciprocamente como sujeitos, no processo de negociar significados de eventos, coisas, pessoas, lugares e sentimentos. Quando perguntado aos entrevistados quais atitudes eles acreditavam que os profissionais ou as mães deveriam tomar diante da situação das mordidas, surgiram respostas como estas:

Raquel: - *A mãe pode conversar com a criança para ela não fazer isso, porque o que acontece é que algumas mães dizem assim: se lhe morderem, morda também. A criança nem começou a falar ainda e a mãe já está incentivando ela a revidar.*

(professora)

Júlia: - *No caso do meu filho, eu batia na boca dele, foi, eu entrei com violência porque ele já estava demais (...). Pois, uma vez as mães se reuniram para me pegar, porque o meu filho era conhecido como o mordedor da sala.*

(mãe de uma criança de 23 meses)

Percebe-se que as ideias que estas entrevistadas têm sobre a mordida ou a maneira de lidar com ela, muitas vezes, é refletida nas suas atitudes para com a criança que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

morde. No caso de **Raquel**, ela justifica a ação da criança como algo incentivado por parte de algumas mães, que, por vezes, veem a mordida como uma agressão que deve ser revidada. Enquanto **Júlia** em uma atitude de desespero passou a agredir o filho na tentativa de evitar que ele mordesse os colegas. Esses significados sobre a mordida, apresentados por essas entrevistadas, reflete a interpretação que circula socialmente que, por vezes, é assumida por alguns dos pais/cuidadores: a de que a criança precisa sentir a dor que provocou no outro para aprender ou deixar de morder.

Tais atitudes expressam a maneira com que a situação era sentida por esta e por outras mães, ou seja, o contexto e as interações dos bebês não eram levadas em consideração porque elas não entendiam que havia uma comunicação entre eles e que esta podia ser feita, até mesmo através das mordidas. Sabe-se que as mães também têm o papel de significar o mundo para o bebê e vice-versa, e são responsáveis por difundir a interpretação sobre a mordida que circula no contexto social, principalmente, o educacional. Porém, o fato marcante para elas era apenas a mordida em si e as atitudes de mal estar causadas por ela. Ocorria assim, a repetição de determinados comportamentos assumidos pelos pais e a mordida passava a ser vista apenas como uma atitude agressiva da criança.

No extrato do quarto relato de observação descrito a seguir, observam-se as várias interações e interferências que podem surgir em uma única situação:

As crianças estão interagindo entre si e com os brinquedos da sala sob a supervisão das estagiárias. Ana (15 meses) parece perseguir insistentemente outra criança (Ricardo-9 meses) para beijá-la. Ricardo engatinha pela sala fugindo da colega até chegar ao colo da primeira estagiária que pergunta: - O que você quer com ele, Ana? Quer beijá-lo? E continua: - Venha, beije aqui! E aproxima a cabeça de Ricardo para que Ana o beije. Entretanto, uma segunda estagiária que observava a situação, comenta: - Cuidado, parece um beijo, mas ela pode mordê-lo. Porém, a primeira estagiária continua incentivando a troca de carinho. E todos ficam atentos ao comportamento de Ana. Esta repete algumas vezes a atitude e parece achar graça no que faz,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

mas, Ricardo parece incomodado e resmunga balançando a cabeça, num gesto de NÃO. Quando a terceira estagiária comenta: - Esta bom, Ana, ele não que mais seu beijo. E a estagiária que está com a criança no colo afasta Ana e procura fazê-la interessar-se por outra coisa.

Mesmo sendo incentivadas pelas próprias estagiárias, as atitudes de **Ana** são observadas com cautela e deixam-nas receosas de que o beijo se transforme em uma mordida, fazendo-as intervir quando acham necessário. Mais uma vez, as intervenções dos adultos, desta vez, três estagiárias, mostram que os aspectos das pessoas em interação e os diversos contextos envolvidos devem ser vistos de maneira inseparáveis e como constituintes do processo do desenvolvimento. Pois, cada adulto envolvido na cena tem uma interpretação sobre a mordida que direta ou indiretamente influencia e intervém nas atitudes das crianças, desse modo, aquela que vê a mordida como uma possibilidade de interação entre as crianças incentiva e até estimula o contato entre elas, enquanto as outras duas que vêm a mordida como uma tentativa de agressão entre as crianças, limita e, por vezes, até evitam que essa interação ocorra.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo geral dessa pesquisa, identificar e analisar as situações de interação em sala de aula, em uma turma de berçário e outra de grupo I, em que a mordida aparece como manifestação, foram analisadas situações de interação entre as crianças e entre elas e os adultos na tentativa de pontuar os sentidos, significações e intervenções que eram construídas e de que maneira elas estavam imbricadas no desenvolvimento das crianças.

A pesquisa não teve a proposta de apontar quais atitudes devem ou não ser seguidas, mas sim, de apreender os vários elementos envolvidos nessas situações, analisando os sentidos e significados que nelas se destacavam. Os resultados apontam que a mordida é significada pelos participantes com motivações de ordem biológica, interacional, pela necessidade de expressão emocional ou do estado de humor das crianças. E que o processo de significação varia de acordo com a formação dos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

entrevistados, pois, enquanto os entrevistados de nível fundamental e médio entendem a mordida como algo relacionado com fatores biológicos ou de ordem interacional, os de nível superior as interpretam como uma necessidade de expressão da criança. Já as intervenções apresentadas vão desde uma limitação imposta nas interações que ocorrem entre as crianças ao incentivo por parte de algumas mães, das crianças replicarem/revidarem a mordida. No que se refere aos achados de Rossetti-Ferreira, Saullo, e Amorim (2013) sobre a criança mordedora, os aspectos que se assemelham aos desta pesquisa são aqueles que apontam para o caráter dialógico e constitutivo das interações visando lançar outro olhar sobre a infância. Porém, a pesquisa aqui apresentada vai além porque reflete sobre as significações que emergem dessas interações e sobre as intervenções dos adultos no comportamento de morder das crianças que podem intervir e/ou modificar o processo de desenvolvimento delas.

Desse modo, as significações apresentadas sobre a mordida estão relacionadas com o contexto sociocultural do qual os entrevistados/observados fazem parte, pois, assumem-se as interpretações que circulam socialmente, principalmente, no contexto educacional da creche. E, por vezes, parece haver um consenso sobre o que levaria uma criança a morder outra, porém, pode-se dizer que as interações e intervenções nas quais os contextos se apresentam têm suas especificidades e podem diferir de outros que venham a ser pesquisados. Destarte, vale ressaltar aqui a complexidade que há em se trabalhar com os diversos contextos nos quais as crianças estão inseridas, seja ele o familiar, o educacional, etc. e que várias questões permanecem em aberto: Quais trabalhos a escola/creche está promovendo para que a comunidade escolar tenha uma melhor compreensão sobre a mordida? O que influencia para que o ato da mordida seja substituído por outro? O advento da fala cessa a atitude de morder?

Muitas perguntas ainda surgirão e precisarão de mais investigações, assim, estas e outras questões podem ser respondidas em futuras investigações. Pois, a pesquisa aqui desenvolvida visa estimular o surgimento de mais estudos sobre o tema e, assim como a pesquisa de Amorim, Rossetti-Ferreira e Saullo (2013), promover também melhores condições de desenvolvimento para crianças que frequentam creches e pré-escolas,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fornecendo material que pode ser consultado por profissionais da área e demais interessados.

REFERÊNCIAS

ANJOS, A. M. dos; AMORIM, K. de S.; FRANCHI E VASCONCELOS, C. R. e ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Interações de bebês em creche. **Estud. psicol. (Natal)** [online]. v. 9, n. 3, pp. 513-522, 2004. ISSN 1413-294X. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300014>.

GONZAGA, A. M. “A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa”. In: **Pesquisa em Educação: Alternativas Investigativas com objetos complexos**. PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. (Orgs.). Ed. Loyola. São Paulo, SP, pp. 65- 88, 2006.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. de S.; SILVA, A. P. S. da; CARVALHO, A. M. A. **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAULLO, R. F. M.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. e AMORIM, K. de S. **Cuidando ou tomando cuidado? agressividade, mediação e constituição do sujeito - um estudo de caso sobre um bebê mordedor em creche**. *Pro-Posições* [online]. vol. 24, n. 3, pp. 81-98, 2013. ISSN 0103-7307. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072013000300006>.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. Tradução Heloysa Dantas de Souza Pinto. São Paulo: ed. Nova Alexandria. 1995.

_____. **Psicologia e educação da infância**. Tradução de Ana Rabaça. Lisboa: ed. Estampa. 1975.